

Economista afirma que já não é possível esconder a recessão

17 MAR 1987

"Negar que estamos entrando em período recessivo é tapar o sol com a peneira", afirmou ontem o vice-presidente da Sharp, Luís Paulo Rosenberg, em debate entre economistas e jornalistas promovido pela Ordem dos Economistas de São Paulo. Segundo ele, estamos vivendo um quadro inédito de passar de uma inflação de 3% para outra de 17% de um mês a outro, sofrendo as conseqüências naturais disso: perda real de salários e redução de demanda.

Segundo Rosenberg, esses fatores, aliados à alta dos juros e das matérias-primas, "decretaram a falência das empresas". Fechando o cerco, ele lembrou, ainda, a restrição às importações, que provoca uma recessão de efeito retardado, "uma recessão profunda". De fato, dados da Federação do Comércio do Estado de São Paulo demonstram que o comércio já está dando os primeiros sinais clássicos de arrefecimento. Pesquisa da entidade junto aos comerciantes constatou que na segunda quinzena de fevereiro, 52% do comércio registravam vendas abaixo das expectativas e na primei-

ESTADO DE SÃO PAULO



Rosenberg: tapando o sol

ra quinzena de março esse índice foi de 42%. Enquanto isso, 58% das empresas reduziram seu volume de compras, devido à baixa expectativa de demanda.

"Mesmo assim", disse Rosenberg, "a retórica é de crescimento, como se fosse possível esconder as coisas debaixo do tapete". Segundo o presidente da Ordem, Roberto Macedo, a queda do nível de emprego é, também, um sinal claro de recessão.

Embora os números da Fiesp apontem uma elevação na primeira semana de março, Macedo afirmou que a desaceleração do consumo exigirá menor ritmo de produção e, portanto, menor índice de empregos.

MEDIDAS COERENTES

Esses sinais também já estão aparecendo desde o final do ano passado, completou José Paulo Chaad, professor da Faculdade de Economia da USP. Segundo ele, os dados de dezembro de 86 mostram um nível de emprego menor que dezembro de 85, "o que indica uma recessão em curso". O risco que corremos, na opinião de Rosenberg, é o de o governo não saber administrar a recessão, de forma que saímos dela com alguma estrutura para crescer depois.

Para o empresário, porém, não cabem, no momento, críticas a competência dos ministros da área econômica ou tentativas de tachar a política do governo de populista. "Todas as medidas adotadas, do congelamento à moratória, são perfeitamente coerentes com o programa político-partidário do PMDB". O problema, para ele, é que a opinião pública, após 20 anos de arbitrio, não tem maturidade para exercer as pressões corretas sobre o governo. Rosenberg não acredita que a natureza da crise seja política, mas garante que sua solução "passa necessariamente pelo redesenho da atual estrutura político-partidária".